

MATOS, Odilon Nogueira de. Varnhagen: revisão ou reavaliação?. Correio Popular, Campinas, 25 ago. 1978.

Varnhagen: Revisão ou Reavaliação?

Odilon Nogueira de Matos

Seja uma ou outra cousa, ou mesmo ambas se quiserem, a verdade é que a palestra proferida pelo Acadêmico José Roberto do Amaral Lapa na última reunião da Campinense levantou uma série de proposições da mais alta relevância para os que militam no campo da historiografia, além de marcar uma tão esperada reaproximação do ilustre professor da Unicamp com a entidade da qual foi um dos fundadores, mas da qual tem permanecido corporalmente ausente, para lamentação de todos os seus confrades. Digo corporalmente, porque em espírito ele nunca se afastou da Academia, dela se lembrando com frequência nos seus escritos, seja para o registro de uma sessão ou para o comentário a qualquer circunstância relacionada com a vida da Academia e dos Acadêmicos.

Sua palestra em torno de uma revisão ou reavaliação da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, e que marcou a participação da Academia nas comemorações do centenário da morte do historiador de Sorocaba, valeu por uma profissão de sua maneira de entender a história, que, segundo sua própria confissão, evoluiu sensivelmente nos últimos anos, graças a outras

perspectivas ou a outros enfoques pelos quais prefere agora pautar a linha mestra de seus trabalhos. Aliás, seu último livro, "História em Questão", publicado há dois anos, representou já uma tomada de posição bastante sincera e que o valorizou consideravelmente no conceito de todos os estudiosos que nele vêm, e com justiça, um dos grandes nomes da moderna historiografia brasileira.

Referiu-se o acadêmico-historiador a alguns representantes do que se poderia considerar uma ala "avançada" da atual historiografia brasileira que se compraz na

demolição dos "monstros sagrados" da historiografia do século passado. Varnhagen entre eles. Mas — é o caso de se perguntar — que têm esses novos para por no lugar do que querem destruir? Aqui, ocorre-me a velha lição, que é de todos os tempos: querer destruir uma coisa sem ter outra prontinha e que seja bem melhor para substituí-la, só serve para fortificar o que se pretendeu destruir. E é o que está acontecendo com a historiografia do século passado. A resposta à iconoclastia dos novos está na ânsia com que os estudiosos se

atiram aos autores do passado. Vejam os eleitores o movimento editorial. Quatro ou cinco grandes editoras do país cuidam no momento de reeditá-los em suas obras mais significativas, e alguns até em suas obras completas, como no caso de Capistrano e do próprio Varnhagen. As coleções em que tais reedições vêm sendo inseridas têm títulos significativos: "Dimensões do Brasil" (Vozes), "Memória Brasileira" (Melhoramentos), "Reconquista do Brasil" (Itatiaia)... Não há de ser sem propósito este interesse em torno dos historiadores do passado.

O professor Amaral Lapa confessou sua posição atual como a de "segurador de pontas" entre duas tendências da historiografia brasileira. Não é apenas nessa situação pouco cômoda que eu o vejo. Como homem de pesquisa ("Carreira das Índias", "Economia Colonial" e outros ensaios menores) e como homem de teoria ("História em Questão") e ainda pela sua posição privilegiada de respeitado por ambas as tendências, é ele dos poucos capazes de salvar o que resta de nossa pobre historiografia contemporânea.